

# Desvalorização da Engenharia ou os erros de planeamento do ensino

## Debate Ensino superior Carlos Matias Ramos

Os recentes resultados das colocações dos candidatos à primeira fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior demonstram, de forma clara, a preferência dos jovens por áreas distintas da ciência e tecnologia, em particular no que se refere a certas especialidades de Engenharia. Se é verdade que este fenómeno se manifesta um pouco por toda a União Europeia, é um facto que no nosso país existem fatores específicos que têm acentuado esta tendência e que devem ser fonte de preocupação por parte das entidades responsáveis pelo ensino.

A Ordem dos Engenheiros há muito que vem alertando para a necessidade de uma reflexão sobre a evolução da matriz do ensino superior de Engenharia, que passa pela análise dos resultados do ensino secundário nas áreas das ciências de base e dos efeitos da mudança ocorrida em Portugal na sequência da aplicação do designado Processo de Bolonha.

A atual conjuntura socioeconómica do país é um fator de grande desmotivação para os jovens. Após a conclusão do ensino secundário, muitos optam por ingressar diretamente no mercado de trabalho por não reconhecerem mais-valias na obtenção de um diploma académico. Por outro lado, a evidente regressão demográfica vem determinando uma redução drástica no número de alunos elegíveis para a frequência de um curso superior. Se a estes factos se acrescentar a limitação do universo de recrutamento de jovens por não possuírem disciplinas científicas de base para acesso aos cursos de Engenharia e a inadequação da oferta educativa em Engenharia relativa ao mercado de trabalho em Portugal, então podemos concluir que, a não invertermos esta situação,

estaremos a comprometer seriamente o futuro do relançamento económico e irremediavelmente “perderemos o comboio” da tão propalada e necessária reindustrialização do país.

A Ordem dos Engenheiros tem frequentemente manifestado a sua oposição à oferta desproporcionada e pouco clarificadora de cursos com a designação de Engenharia, face às necessidades efetivas do país, sem que, para tal, se vislumbre um planeamento sério e criterioso para a implantação de cursos ao longo do território nacional. A título exemplificativo refiro que, no final da anterior década, a oferta de cursos com o nome de Engenharia atingiu o assombroso número de cerca de seis centenas!

O poder político, demitindo-se da sua função de regulação, autorizou o funcionamento de cursos baseados na grande criatividade académica e que muitas vezes resultaram de modas passageiras. Esta situação de desregulação é responsável pela desvalorização, na sociedade, do papel do engenheiro.

Contudo, há que sublinhar, em paralelo, o quanto de positivo e de grande qualidade foi desenvolvido em prol do ensino de novas disciplinas da Engenharia, bem evidenciado no reconhecimento internacional de algumas das nossas escolas que, apesar das constantes reduções do Orçamento do Estado, se têm evidenciado com prémios e posicionamentos elevados em sistemas de avaliação internacionais, constituindo-se como instituições de referência à escala internacional.

A formação de um engenheiro, no contexto de um mundo global e altamente competitivo, impõe exigências aos novos estudantes, que passam, no ensino secundário, pela criação de gosto pela aprendizagem de disciplinas fundamentais como Matemática, Física, Química e Biologia. A não motivação de alunos para estas disciplinas, reconhecidamente mais trabalhosas, é preocupante e impõe uma reflexão séria e desapaixionada.

Há que pensar seriamente sobre o que o país pretende das escolas de Engenharia pertencentes aos subsistemas universitário e politécnico. A situação atual, em que os currículos de muitos dos cursos de Engenharia do ensino politécnico se têm afastado do seu propósito original e aproximado dos do ensino universitário,



**A aposta no desenvolvimento económico do país, com relevância na industrialização e na valorização dos bens transaccionáveis, pressupõe a valorização da Engenharia**



induz à sua não diferenciação, com as consequências bem visíveis no recente concurso de acesso ao ensino superior, que afetou particularmente o ensino politécnico. O país precisa dos dois subsistemas, mas espera deles diferença e excelência. A aposta no desenvolvimento económico do país, com relevância na industrialização e na valorização dos bens transaccionáveis, pressupõe a valorização da Engenharia. O nosso receio é que toda uma prática passada, que conduziu ao seu reconhecimento internacional e a elevou ao patamar de excelência, possa agora ser afetada por uma imagem generalizada que desmotive os jovens de aceder a esta área de formação pelo facto de se apregoar que é de elevada exigência e tem pouca empregabilidade.

**Bastonário da Ordem dos Engenheiros**

**São José Almeida interrompe a crónica em Setembro, voltando em Outubro**